

MEDICALIZAÇÃO E NORMALIZAÇÃO DISCENTE: VIOLÊNCIAS ONTOLÓGICAS NA ESCOLA

MARCENES, R.E.G.B. B¹; INSFRAN, F.F.N²

¹ Licenciando em Ciências Sociais/ Universidade Federal Fluminense/ ruyegbm@id.uff.br

² Professora Associada do Departamento de Fundamentos Pedagógicos/Universidade Federal Fluminense/ fernanda_insfran@id.uff.br

Palavra-chave: Medicalização; Violência; Subjetividades

O presente trabalho visa argumentar a existência de facetas intrinsecamente violentas do processo de medicalização vivido pelos sujeitos em idade escolar, considerando a escola um *locus* de disciplinamento e normalização (Foucault, 2013). Essa violência normalizadora, argumentamos, influi diretamente sobre a *segurança ontológica* (Giddens, 1991) desses alunos ao interferir no processo formativo de suas identidades, marcando-os com categorias clínicas que alteram suas percepções de si e constroem suas possibilidades de criação interior. Partindo da noção de medicalização da vida (Furtado, 2024), objetiva-se delinear as mudanças sociais ocorridas nos últimos séculos em consequência do desenvolvimento das ciências médicas e do aumento de sua influência na vida cotidiana dos povos. Discutiremos como marcadores sociais como cor ou raça, sexo/gênero e faixa etária influenciam diretamente no percurso terapêutico e de formalização de diagnósticos, mais do que conjecturar sobre as possíveis dificuldades materiais para o acesso ao laudo psiquiátrico a certas populações. Utilizando dados longitudinais produzidos por diferentes órgãos componentes do sistema de saúde estadunidense nos últimos anos, exporemos a nítida escalada no número de cidadãos e, particularmente, crianças e adolescentes diagnosticados com algum transtorno mental: de 1.8 casos de TEA por 100 mil crianças na educação especial no ano 2000 para 19.1/100mil em 2022, representando um aumento superior ao décuplo do valor inicialmente relatado, segundo o CDC (Shaw KA, Williams S, Patrick ME, et al., 2022). A escolha por esse banco de dados se dá pela inexistência de pesquisas longitudinais sobre a temática no Brasil (sendo necessária a informação temporalmente dispersa que os EUA provê). Isto posto, discutiremos brevemente alguns aspectos da formação das identidades, seu conceito e consequências individuais, apontando enfaticamente para a influência de um diagnóstico – principalmente se intempestivo e com pouca fundamentação científica – sobre a vida das crianças e dos adolescentes. Entre seus efeitos notórios, demarcaremos a prescrição de medicamentos psicotrópicos (e de suas



consequências negativas à longo prazo) e da imposição, pela escola, do acompanhamento de mediadores/profissionais de apoio escolar sem qualificação. A experiência de um dos autores desse artigo como “estagiário de inclusão” – repleta de violências multidimensionais e multifocais – foi a força-motriz para a escrita desse trabalho. Finalizado esse percurso, sugeriremos que o diagnóstico precoce e mal fundamentado, seguido de intervenções medicamentosas e técnicas terapêuticas de normalização constituem violências que, cada dia mais, atingem os corpos e mentes dos estudantes e dos profissionais da educação brasileira. Unindo o conceito de violência de Schinkel (Misse, 2016) ao de segurança ontológica (Giddens, 1991), esperamos mostrar como essas práticas estão vinculadas a ideais de normalização das subjetividades e sufocamento da diversidade que operam fragmentações no senso de auto-identidade e de realidade dessas pessoas, constituindo instrumentos de controle das singularidades humanas dentro das escolas.

Referências:

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

FURTADO, Mariama. **O lugar do sofrimento na cultura contemporânea: reflexões sobre a medicalização da existência**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2024.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. [s.l.]: Unesp, 1991.

MISSE, Michel. **Malandros, Marginais e Vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora: FAPERJ, 2022.

SHAW, KA; WILLIAMS, S; PATRICK, ME; et al. **Prevalence and Early Identification of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 4 and 8 Years - Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 16 Sites, United States, 2022**. *MMWR Surveillance Summaries*, Atlanta, v.74, n.2, p.1–22, abril. 2025. Disponível em https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/74/ss/ss7402a1.htm?s_cid=ss7402a

